



DANTAS, Tatianne Santos. Em torno do épico: contribuições teóricas de Keller, Goyet e Gancedo. In: *Revista Épicas*. Ano 3, N. 6, Dez 2019, p. 1-11. ISSN 2527-080-X.

EM TORNO DO ÉPICO: CONTRIBUIÇÕES TÉORICAS DE KELLER, GOYET E GANCEDO

AROUND EPIC POETRY: KELLER, GOYET AND GANCEDO'S THEORETICAL CONTRIBUTIONS

Tatianne Santos Dantas
(UFS/PPGL/CIMEEP)¹

RESUMO: Este relato de pesquisa apresenta as linhas gerais das contribuições de três pesquisadores, que, cada qual a seu modo e com seu próprio corpus literário, contribuíram para se pensar a poesia épica, principalmente na contemporaneidade, quando transformações significativas imprimiram ao gênero novas características e importância no contexto da literatura mundial. Assim, serão apontadas as principais reflexões de Lynn Keller, no livro *Forms of expansion. Recent long poems by women*; de Florence Goyet, no texto "La victoire du vaincu"; e de Daniel Gancedo, no texto "Les réflexions sur le 'poème long' dans l'oeuvre d'Octavio Paz". Em breve conclusão, serão apresentadas possíveis convergências entre as três contribuições.

Palavras-chave: Lynn Keller; Florence Goyet; Daniel Gancedo; Poema longo; Epopeia.

ABSTRACT: This research report presents the general guidelines of the contributions of three researchers, who, each in his own way and with his own literary corpus, contributed to think epic poetry, especially in contemporary times, when significant transformations gave to the genre new characteristics and importance in the context of world literature. Thus, the main reflections of Lynn Keller in the book *Forms of expansion. Recent long poems by women*; by Florence Goyet, in the text "La victoire du vaincu"; and by Daniel Gancedo, in the text "Les réflexions sur le 'poème long' dans l'oeuvre d'Octavio Paz" will be pointed out. In the conclusion, possible convergences between the three contributions will be presented.

Keywords: Lynn Keller; Florence Goyet; Daniel Gancedo; Long poem; Epic poetry.

¹ Doutoranda em Estudos Literários pela Universidade Federal de Sergipe sob orientação da professora Christina Bielinski Ramalho, com pesquisa sobre trauma, violência de gênero e a obra de Elena Ferrante. Mestre em Psicanálise: Clínica e Cultura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) orientada pela professora Simone Zanon Moschen. Integrante do Núcleo de Pesquisa em Psicanálise, Educação e Cultura (NUPPEC) da UFRGS e do Centro Internacional e Multidisciplinar de Estudos Épicos (CIMEEP), da Universidade Federal de Sergipe. E-mail: thatysd@hotmail.com.

Introdução

Este relato de pesquisa apresenta as linhas gerais das contribuições de três pesquisadores, que, cada qual a seu modo e com seu próprio corpus literário, contribuíram para se pensar a poesia épica, principalmente na contemporaneidade, quando transformações significativas imprimiram ao gênero novas características e importância no contexto da literatura mundial. Assim, serão apontadas as principais reflexões de Lynn Keller, no livro *Forms of expansion. Recent long poems by women* (1997); de Florence Goyet, no texto “*La victoire du vaincu*”, que se trata do posfácio do livro *Permanence de la poésie épique au XX^e siècle* (Akhmatova, Hiknet, E. Neruda, Césaire) (2009), organizado por Delphine Rumeau; e de Daniel Gancedo, no texto “*Les réflexions sur le ‘poème long’ dans l’oeuvre d’Octavio Paz*”, capítulo do livro *Désirs et débris d’épopée au XX^e siècle* (2009), organizado por Saulo Neiva.

Cabe ressaltar que, no caso de Keller, a contribuição em torno do gênero épico é apenas um item dentre as várias categorias de poemas longos que a autora aborda. Já as reflexões de Goyet e Gancedo são mais específicas: Goyet trata de um aspecto da poesia épica contemporânea, a saber, a categoria “herói vencido”; e Gancedo, da visão de Otávio Paz acerca do poema longo e do épico. Ainda assim, em breve conclusão, serão aqui apresentadas possíveis convergências entre as três contribuições.

O principal objetivo desta abordagem é oferecer a pesquisadores/as brasileiros/as a oportunidade de, em língua portuguesa, terem uma breve síntese dessas contribuições e fazer-lhes o convite para a leitura dos textos originais.

Sobre a contribuição de Lynn Keller em *Forms of expansion. Recent long poems by women*

Na introdução de seu livro *Forms of expansion. Recent long poems by women* (1997), Lynn Keller apresenta seu corpus – poemas longos de autoria feminina –, e uma questão a ser considerada, que reside no fato de que a crítica literária restringiu o poema longo a um padrão normalmente associado à autoria de homens brancos. Procurando não impor um único modelo baseado nesse já escrutinado pela crítica, Keller busca, através de exemplos extraídos da produção de poetisas contemporâneas, alargar a conceituação do que se sabe sobre poemas longos, defendendo que há em jogo também uma disputa política no que diz respeito a gênero.

Assim, a ideia que Keller defende é a de “resistir à imposição de um único modelo em meio a toda a diversidade do campo” (1997, p.2)². Segundo ela, o que se ganha com essa expansão é a abrangência de um maior terreno daquele já disposto pela lírica romântica tardia, assim como permite um maior entendimento do atual estado da poesia contemporânea. Por exemplo, Keller identifica como poemas longos: poemas narrativos, romances de versos, sequência de sonetos, ciclos líricos irregulares, poemas feitos a partir de colagens, sequências de meditação, monólogos dramáticos estendidos, entre outros. Um panorama que nos faz perceber que a teia feita pela autora é larga e parece dar as ferramentas para que alcance seu intuito, o de identificar novas tendências que revitalizam e acompanham o crescimento de reconhecer a poesia como algo que não é sinônimo de lírica.

O *corpus crítico* de Lynn Keller é a poesia contemporânea de autoria feminina escrita nos Estados Unidos pós anos 70 e, segundo ela, há, nessa produção, a tentativa de tornar a poesia um espaço de diálogo com a linguagem e as realidades culturais e sociais que compartilham o seu tempo. Ao fazer isso usando o poema longo, essas poetas permitem que o cânone seja reavaliado e alargado. Para detalhar como isso acontece, Keller retoma as considerações de pesquisadoras como Susan Stanford Friedman e Smaro Kamboureli.

Também na introdução do livro, ela traz a visão de Friedman sobre uma crítica que, durante boa parte do século XX, foi um lugar quase exclusivo da autoria masculina, fator que contribuiu para a formação de um cânone reflexo desse movimento. Ou seja, um cânone que privilegia determinada produção obediente a uma lógica falocêntrica e exclui aquilo que foge a isso. Kamboureli, por sua vez, pensa o poema longo como um híbrido; e, segundo Keller, excluir essa faceta traz o reducionismo que se deseja evitar.

Para proporcionar um panorama sobre os estudos do poema longo, Keller explicita que examinará tipos diferentes de poemas, divididos em pares e por tema nos seis capítulos do livro: nos dois primeiros serão discutidos aqueles baseados em modelos épicos (*Hard Country* de Sharon Doubiago e *The Queen of Swords* de Judy Grahn); os seguintes tratarão de sequências líricas (*Love, Death and the Changing of the seasons* de Marilyn Hacker, *Thomas and Beulah* de Rita Dove e *Desperate Circumstance, Dangerous Woman* de Brenda Marie Osbey); e, por fim, de textos menos representacionais e com uma maior radicalidade na experimentação (*The Liberties* de Susan Howe, *A Reading* de Beverly Dahlen e *Drafts* de Rachel Blau DuPlessi). A abordagem crítica de cada obra ou poema longo trará as razões pelas quais Keller escolheu esses poemas, mas a autora alerta que não é sua pretensão esgotar essa classificação, uma vez que os poemas longos vão além dessa taxonomia.

² Tradução minha. Original em inglês: “What I resist is the imposition within and shaping modern and contemporary long poems in varied ways”.

Especificamente acerca da relação entre um poema longo e o épico, Keller relembra alguns pesquisadores que associaram poema longo norte-americano ao gênero épico. Quem primeiro ofereceu uma visão desse tema foi Roy Harvey Pearce, trazendo uma proposta que enfatizava a criação do herói no poema em vez de sua celebração; o crítico discute três poemas do século XX que enfatizam essa característica: *The Cantos*, *The Bridge* e *Paterson*. Já James E. Miller Jr. destaca o poema de Walt Whitman, *Song of myself*, como aquele que traz para o poema a subjetividade interior, assim como a substituição da linguagem épica por uma voltada para a coloquialidade. Michael André Bernstein ressalta o projeto do épico de trazer uma noção de comunidade, enfatizando a herança cultural, histórica ou mítica, um modelo que oferece nuances para compreender a incorporação da narrativa em prosa e da documentação histórica ao gênero. Por fim, segundo Keller, Charles Altieri discute os poemas longos modernistas buscando a aproximação do épico com o lírico, examinando a tensão que se desenha entre o que ele chama de impulso à lucidez e impulso ao lirismo.

A ênfase que esses pesquisadores trazem para as mudanças que o épico sofre com o passar do tempo são importantes para que Keller estabeleça sua própria contribuição. Segundo ela, há algo de valioso quando pensamos o épico como um objeto em processo e que pode ser refeito a partir do seu tempo, substituindo as narrativas heroicas tradicionais. Como dito no início do texto, Smaro Kamboureli é uma das teóricas trazidas por Keller para pensar sobre essas mudanças. No seu livro intitulado *On the Edge of Genre: The Contemporary Canadian Long Poem*, a autora discute como o longo poema, ao envolver-se com elementos tão díspares daqueles considerados tradicionais, subverte suas funções e ideologias caracterizando o que ela chama de “*generic restlessness of the long poem*”. No entanto, Keller ressalta que diverge de Kamboureli no que diz respeito às ênfases e interesses; embora sustente a multiplicidade de gêneros que interagem ao longo do poema, não descarta a possibilidade de que gêneros específicos ainda possam ser utilizados em algumas circunstâncias. Enquanto Kamboureli sustenta uma singularidade do épico pela relação que faz com a psicanálise lacaniana, de que o poema longo funciona como uma metonímia do desejo, Keller afirma que só consegue encontrar esse funcionamento em um dos poemas que ela se propõe a analisar em seu estudo, o de Beverly Dahlen. Nos de Sharon Doubiago e Judy Grahn, por exemplo, essa lógica não se aplica.

Na visão de Keller, a definição de Kamboureli de poema longo é restrita e não faz jus à variedade que ela enxerga no gênero e pretende discutir no livro. No entanto, há diversos pontos em que elas concordam, principalmente no que a Keller enxerga como transgressão do texto das poetisas que apresenta. O que Keller pretende fazer nesse estudo é ressaltar o drástico aumento na autoria feminina quando se fala de poemas longos, principalmente quando pensa a escassez dos períodos anteriores.

É importante, ainda, destacar que Keller aponta que a crítica literária feminista se debruçou, principalmente na segunda metade do século XX, na tarefa de trazer à tona textos de escritoras que foram silenciadas em um cânone patriarcal. Dentro da poesia épica parece que houve um agravamento desse apagamento, e, por isso, é preciso mostrar que o gênero ainda existe com força e que as mulheres podem escrever a partir dele. As poetisas de antes, por não terem uma tradição que legitimasse sua tentativa de escrever épicos, acabavam categorizadas sempre como autoras de poesia lírica, mesmo que sua produção tivesse todas as características de uma epopeia. O gênero, considerado ambicioso, foi reivindicado pelas poetisas. Todavia, Keller mostra que, no processo de subjetivação e recuperação da história das mulheres, é possível incluí-lo. Nesse âmbito, Keller defende que muitas poetisas encontraram nas estruturas não-lineares e na parataxe radical dos métodos de poemas longos uma possibilidade de transgredir a narrativa, entrando, assim, em um terreno previamente mapeado pela lógica masculina.

A pesquisadora justifica sua escolha pelos poemas escritos por mulheres buscando esse viés de novidade que é trazido por elas, um viés que areja a teoria e prova que o épico existe e é produzido na contemporaneidade. Há o intuito também de pensar a falta de envolvimento da crítica quando escrutina o gênero em incluir épicos de autoria feminina, como se estes ficassem restritos a nichos que não podem ser pensados com os parâmetros estéticos daqueles colocados pela tradição. Keller diz que seu intuito é que, em pesquisas futuras, os poemas escritos por mulheres possam ser pensados em relação a textos mais amplamente conhecidos, ocupando a merecida posição de destaque.

Nos poemas apresentados no livro de Keller, há um constante elaborar da relação dessas poetisas com o pensamento dominante, trazendo à luz como as minorias estão lidando com o pensamento hegemônico de forma bastante diferente entre si. Por isso, a autora afirma que:

Ao reunir tais trabalhos no contexto de um único estudo, espero encorajar respostas menos sectárias e cismáticas. Espero comunicar (ainda que indiretamente) o meu sentido das ricas recompensas que decorrem da disposição de aplicar diferentes estratégias de leitura para apreciar textos variados. Não desejo obscurecer as diferenças estéticas manifestas aqui; assim como as diferenças na política de identidade e posicionamentos feministas entre os escritores focais deste livro, as diferenças em suas poéticas são profundas. No entanto, um relato justo dessa diversidade deixa claro que nenhuma estética única pode responder a todas as necessidades culturais das mulheres. Além disso, precisamente porque esses poemas locais refletem entendimentos alternativos de como a arte pode contribuir para transformações sociais, eles demonstram coletivamente que a intervenção ou subversão das normas anglo-europeias e/ou patriarcais não se limita a qualquer modo único (KELLER, 1997, p.19)³.

³ Tradução minha. Texto original: *"In bringing such works together in the context of a single study, I hope to encourage less sectarian and schismatic responses. I hope to communicate (albeit indirectly) my sense of the rich rewards that follow from a readiness to apply different reading strategies in order to appreciate varied texts. I do not wish to*

Os poemas analisados por Keller foram publicados entre a década de 1980 e 1990, o que significa que estes poemas longos surgiram em um período de efervescência do público norte-americano para essas questões, uma vez que o país vivia a segunda onda feminista; uma época em que a poesia também passava por intensas transformações. A pesquisadora destaca que sua opção por poemas longos deixou de fora excelentes produções dessa época e de tempos mais recentes. Ressalta que algumas teóricas, como a já citada Friedman, considera poemas longos aqueles que Keller coloca na categoria de médios. No entanto, a pesquisadora ressalta que o tamanho do poema, apesar de não ser definidor – e nem é o objetivo de Keller definir o poema longo em um lugar enquadrado –, considera desafios que outros poemas não apresentam, e são esses desafios que ela pretende explorar, com o intuito de colocar o poema longo de autoria feminina como uma importante contribuição para a produção literária.

Sobre “La victoire du vaincu », de Florence Goyet

O posfácio de Florence Goyet ao livro *Permanence de la poésie épique au XXe siècle (Akhmatova, Hiknet, E. Neruda, Césaire)*, organizado por Delphine Rumeau, recebeu como título “A vitória do vencido”⁴ e inicia com uma pergunta que vale destacar, uma vez que ela ressoará por todo o texto: entre a poesia épica do século XX e a epopeia antiga, há uma ruptura ou uma continuidade?⁵. Vejamos o que Goyet considera a partir dessa pergunta inicial.

Segundo Goyet, se pensarmos na tradição da crítica literária, há um entendimento de que epopeias antigas têm características bem estabelecidas, a saber: são textos sem sombras que emanam sociedades infantis e cantam valores já estabelecidos. Estudos recentes derrubam essas afirmações ao colocarem a ambiguidade como característica central do épico, assim como a invenção de novos territórios políticos. O objetivo da abordagem de Goyet, assim, é mostrar como é possível enxergar a novidade do épico nos dias de hoje e como esse gênero nos ajuda a compreender atuais cenários sociais, mostrando a um outro público narrativas daqueles que foram esquecidos pela História.

obscure the aesthetic differences manifest here; like the differences in identity politics and feminist positionings among this book's focal writers, the differences in their poetics are profound. Yet a fair account of this diversity makes clear that no single aesthetic can respond to the full range of women's cultural needs. In addition, precisely because these local poems reflect alternative understandings of how art may contribute to social change, collectively they demonstrate that intervention in or subversion of Anglo-European and/or patriarchal norms is not limited to any single mode”.

⁴ Tradução minha.

⁵ Tradução minha. Texto original: “entre la poésie épique du XXe siècle et l'épopée ancienne, y-a-t-il rupture ou continuité ? ”.

No entanto, como aponta a pesquisadora, isso não se dá apenas nos poemas épicos escritos a partir do século XX, mas uma nova leitura dos clássicos também nos mostra que vozes historicamente silenciadas já podem ser entrevistadas ali. Então, a proposta de Goyet se situa também na releitura desses textos, para além da glorificação do herói.

Conforme ela aponta, “O essencial é trazer a voz ignorada, em sua nova verdade. Isto implica, por definição, não trair esses heróis incomuns. Não há como reduzi-los às palavras do outro, colonizador ou opressor”⁶ (2009, p.189). Para desenvolver essa visão, Goyet cita os textos que são estudados no livro que posfacia, destacando que o vocabulário trivial em Akhmatova e Neruda, a descrição do miserável e banal em Hikmete e a reivindicação do opróbrio de Césaire são elementos essenciais para pensar o épico moderno. Segundo ela, esses elementos dão as ferramentas não só para repensar os épicos antigos, mas como para entender os novos, de uma maneira que só a literatura, com seu pensar sem conceitos, é capaz de fazer.

Goyet destaca que a outra história que podemos ouvir da América do Sul nos versos de *Canto General* de Pablo Neruda é uma maneira de estabelecer uma nova leitura da América, uma nova origem fora do que já foi proclamado no Ocidente. Uma questão colocada por ela como importante para pensar essa renomeação é como fazê-la a partir da língua do colonizador, pensando que a língua é capaz de transportar a violência e o poder da luta entre classes oprimidas e seus opressores. Segundo a pesquisadora, trata-se de um problema épico por excelência: como inventar algo novo quando só existem palavras antigas para fazê-lo? Essa é uma pergunta fundamental que o texto de Goyet deixa em aberto, para nos fazer pensar que estruturas novas de linguagem são possíveis diante desse impasse.

Uma das características principais do épico antigo é o trabalho épico, lugar onde ocorre o confronto de diferentes posições políticas, que permitem visualizar e distinguir várias opções oferecidas em um mundo fechado. Esse trabalho encontra lugar no épico do século XX de outra forma, em um conflito que se configura no testemunho de quem não aceita a imutabilidade de certas situações. Nas palavras de Goyet, trata-se de um texto de luta, e, por isso, o opressor não quer ouvir notícias dele.

Tal como a pesquisadora aponta, operando de forma dialógica, o épico moderno tem um aspecto partidário que o diferencia do antigo. É o que ela chama, enfim, de “vitória dos vencidos”. A poesia épica moderna – e mesmo a epopeia antiga, se relida a partir de outro olhar –, assim, dá voz a uma narrativa que nos permite ver e ouvir outros lados da história, tal como o fizeram Neruda, Césaire, Hikmet e Akhmatova.

⁶ Tradução minha. Texto original: “L’essentiel est de faire émerger la voix ignorée, dans sa vérité neuve. Cela implique par définition de ne pas trahir ces héros inhabituels. Il n’est pas question de les réduire aux mots de l’autre, colonisateur ou oppresseur”.

As contribuições de Daniel Gancedo em “Les réflexions sul e ‘poème long’”

O texto de Gancedo, capítulo do livro organizado por Saulo Neiva intitulado *Désirs et débris d'épopée au siècle* (2009), se soma às reflexões propostas por Keller e Goeyt, partindo majoritariamente da obra de Octavio Paz. Se existem poucos estudos sobre a extensão do poema longo na teoria literária, o pesquisador afirma que, na língua hispânica, esse assunto era inexistente antes do ensaio de Paz “*Contar y cantar (sobre el poema extenso)*”, publicado em 1976⁷. Com esse ensaio, foi possível estabelecer o que é um poema longo em língua espanhola; além disso, a partir dele, os críticos obtiveram mais ferramentas para pensar a poesia moderna.

A questão da narratividade como uma característica do poema longo se coloca desde o título do ensaio, situando a evolução do poema longo com a presença cada vez maior de elementos líricos – apesar haver uma distinção entre o épico e o lírico nos exemplos citados, como afirma Gancedo. Primeiro, Paz coloca o sentido primeiro de extenso a partir do verbo estender, considerando longo o poema a partir da sua localização no espaço. Um espaço que está diretamente ligado ao tempo, uma vez que um poema que se estende por muitas linhas é um poema que leva bastante tempo para ser lido. Nesse âmbito, Gancedo traz a problemática que é equiparar o espaço ao tempo, colocando o paradoxo que existe na tensão extraída por Paz dessa relação. Existem duas linhas para considerar, aquelas que se referem à extensão, espacialidade, lirismo e à duração, temporalidade, narrativa. Para Gancedo, o poema longo é definido como uma equação na qual essas duas linhas não podem ser sempre relacionadas.

Em um momento posterior do ensaio, Gancedo aponta, o teórico mexicano relativiza os limites do poema longo, dizendo que a geografia e a história precisam ser levadas em conta nessa definição. Geografia em termos de espaço e história em termos de tempo. E, para tentar codificar melhor o que quer dizer, Paz traz mais questões para o problema – Gancedo, aliás, é certo ao ressaltar a dificuldade de entender o que Paz quer teorizar devido à sua linguagem poética –, afirmando que o poema longo é aquele em que a variedade atinge sua plenitude sem que haja uma quebra de unidade. Há também que se levarem em conta a surpresa e a recorrência como princípios de articulação. Gancedo ressalta que, nesse sentido, duas questões paradoxais se colocam: como alcançar a máxima variedade sem que haja prejuízo da unidade? Como pensar a surpresa a partir da recorrência?

A aposta que Octavio Paz realiza é a da oposição que se desenha em seu título: cantar e contar, pensando a extensão a partir desses dois verbos. Reduzido à sua forma mais simples e

⁷ Referência completa informada por Gancedo: PAZ, Otavio. “Contar y cantar “sobre el poema extenso)”. In: **La outra voz : poesía y fin de siglo**. Barcelona: Seix-Barral, 1990, p. 11-30.

essencial, o poema é uma canção, nos diz o autor, e para cantar as façanhas de Aquiles a canção se tornou conto e vice-versa.

Afirmando que o poema longo é, originalmente, um poema épico, Paz, em um primeiro momento do seu argumento, propõe uma separação entre o poema longo e o épico, dizendo que este último é limitado de um lado pela história e do outro pela mitologia; sua principal relação se dá com o poema religioso que, em determinado momento, se transformará no poema filosófico. Gancedo, em especial neste entendimento de Paz, ressalta que a teoria de Paz se perde em uma longa digressão sobre amor e elegância em Dante, mas que desse momento algo sobressai entre conceitos que são, à primeira vista, contraditórios: o conceito de alegoria e o seu uso como uma ponte para fazer desaparecer a distância entre o ser e o sentido. Na equação que se estabelece e acrescentando esse fator, o poema longo torna-se, para Octavio Paz, uma alegoria da literatura. O teórico conclui o raciocínio colocando a alegoria como diretamente ligada ao aparecimento do Eu no poema épico.

A partir de *Primeiro Sueño*, de Sórora Juana Inés de La Cruz, Paz dirá que no poema moderno está implicado o ato de conhecer. O romantismo, no século XVIII, introduziu uma subjetividade desprovida de alegoria, ressalta Gancedo, e o poema longo romântico faz uma reflexão metapoética que pode ser resumida, a partir dos pressupostos de Paz, “o conto do canto tornou-se o canto, o tema do poema tornou-se a própria poesia”⁸. Essas novidades podem ser vistas em Hölderlin, Shelley, Coleridge e Wordsworth e em Sórora Juana.

Gancedo traz para a discussão dois pensadores, Gadamer e Steiner, que se aproximam de Paz nessas questões, ambos falando sobre a quebra de projeções textuais na poesia moderna. Essas projeções são chamadas de base de conteúdos comuns, um objetivo a ser perseguido pelo poeta que quer ser entendido. Até a crise da modernidade, a maior questão da literatura ocidental tinha a ver com as referências, e o seu desaparecimento causa problemas para o épico. O caráter fragmentário da poesia moderna se traduz na organização dos destroços: “faz aparecer o poema que poderia ter sido, o poema que será quando o mundo se refizer, se isso acontecer”⁹. Gancedo lembra que, em *Contar e Cantar*, Paz traz também Mallarmé e Whitman, que podem ser considerados como aqueles que abriram o caminho para a poesia da modernidade e que trouxeram esse caráter ressaltado por Gadamer e Steiner.

As considerações tecidas por Paz em outros dois ensaios são trazidas por Gancedo para enriquecer o argumento de *Contar e Cantar*, destacando o que foi escrito sobre *Espacio* de Juan

⁸ Tradução minha. Texto original de Paz tal como citado por Gancedo: “*le conte du chant est devenu le chant*” (2009, p. 366).

⁹ Tradução minha. Texto original de Steiner citado por Gancedo: “*ele nous montre le poème qui aurait pu être, le poème qui sera au moment où le monde sera refait à nouveau, si jamais il l’est*” (2009, p. 368).

Ramón Jimenez. Esse poema é apresentado em sua terceira edição como uma narrativa e Paz acrescenta esse aspecto às suas reflexões; ainda tratando *Espacio* como um poema longo há uma ênfase na autorreflexividade, ou seja, naquilo que do texto volta-se para si mesmo. Essa característica o conecta a outros poemas de origem hispano-americana, em um caráter experimental que é abordado por Paz em um primeiro momento e esquecido posteriormente, para ser retomado com as questões abordadas no começo do texto, relativas à surpresa e sucessividade. Gancedo afirma que, com Juan Ramón, a sucessão ganha as conotações musicais de uma continuação, mas Paz já está em outro momento de sua própria produção poética, tendo escrito ele mesmo um poema longo retomado como um gênero que se dispõe a renovar o poema épico e incorporar a possibilidade de alegoria.

Gancedo, entre outros, conclui que as questões de Paz permanecem em aberto nessa construção do poema longo e do épico na contemporaneidade, reflexões que podem ser refeitas a partir da leitura de sua poesia e dos seus ensaios.

Conclusão

Fazendo uma relação entre os textos de Lynn Keller e o de Florence Goyet, podemos dizer que eles convergem neste ponto: há um conceito ideológico por trás do épico moderno, um viés político que deve ser levado em consideração, o que não significa que os textos deixarão de ser analisados de acordo com o que já se conhece a partir dos épicos antigos, mas que novos parâmetros precisam entrar no jogo de análise quando falamos a respeito deles.

Keller, Goyet e Gancedo não só revelam seus próprios pontos de vista sobre o tema poema longo/poema épico, como também trazem para seus textos as contribuições de diversos/as outros/as teóricos/as, o que só faz aumentar a certeza de que o estudo do épico a partir da produção moderna e pós-moderna é instigante e merece. inclusive, a revisitação ao próprio gênero em suas mais antigas manifestações.

Em geral, a tensão trazida pela poesia moderna e o seu caráter fragmentário mantêm na discussão que apresentamos nos outros textos aqui abordados, reflexos entre si. Quando, por exemplo, a partir de Gancedo, pensamos em Octavio Paz também como um poeta e teórico latino-americano que trouxe a poesia hispano-americana para o mesmo patamar do épico antigo, verificamos, em sua proposta, uma atualização do viés ideológico e político proposto por Goyet e, de certo modo, problematizado por Keller, quando reflete sobre o épico de autoria feminina.

Nesse entrelaçamento, nas escolhas feitas por cada pesquisador ou pesquisadora de reivindicar o épico como uma forma de narrar o nosso tempo, está a vida do gênero, que Paz

parece ter tentado manter através da definição do poema longo, definição esta que se mostra tão fragmentária como a própria poesia moderna.

Por fim, fica o convite à leitura original do livro de Keller, do posfácio de Goyet e do artigo de Gancedo, além dos próprios textos de Paz e dos/as outros/as teóricos/as citados/as, para que mais conclusões possam ser extraídas de algo que, sem dúvida, une os três textos: a permanência do épico em nosso tempo.

Referências

GANCEDO, Daniel Mesa. “Les réflexions sur le ‘poème long’ dans l’oeuvre d’Octavio Paz”. In: NEIVA, Saulo (Dir.). **Désirs et débris d’épopée au XX^e siècle**. Bern: Peter Lang, 2009, p. 357-375.

GOYET, Florence. La victoire du vaincu. In: RUMEAU, Delphine (Org.). **Permanence de la poésie épique au XX^e siècle (Akhmatova, Hiknet, E. Neruda, Césaire)**. Paris: PUF, 2009, p. 187-193.

KELLER, Lynn. **Forms of expansion. Recent long poems by women**. Chicago: University of Chicago Press, 1997. “Introduction”, p. 1-22.